

CANGACEIRO

Estão os críticos de cinema escrevendo sobre "O Cangaceiro", e o leitor que quiser se orientar que os procure.

Quem fala aqui é apenas um espectador, tão distraído como qualquer outro. E quero começar falando no que não gostei. Marisa Prado, por sua culpa ou por culpa de quem a dirige, está muito fria, muito parada, entra quase apenas com sua beleza suave. Aquêlé índio de canoa falando um guarani de História do Brasil F. T. D. (que aliás o herói entende e fala muito bem) entra e sai da fita sem saber o que foi fazer lá. A onça também seria dispensável. O episódio está bem feito, só que achei o mocinho calmo demais, mocinho demais. Aliás éle diz que a onça pia macuco para atrair esse seu (e nosso) prato predileto. Pia mesmo? Palavra que nunca tinha ouvido falar nisso. Já ouvi falar que a gente pia grilo para chamar macuco, pia macuco para chamar onça, pia macuco fêmea para chamar o macho, pia macho para chamar fêmea ou outro macho que queira brigar. Li no Príncipe Wied e Neuwied que os bons almorés do Rio Doce, meus ilustres coestaduanos, piavam macuco para chamar portugueses, o português respondia, o botocudo ia piando mais longe, o português ia entrando pelo mato sem se lembrar que um dia a gente é caça e outro dia caçador, e tome flexa. Mas onça piar acho meio forte, só ouvindo.

Também achei ruim a cena do capitão dos "macacos", que desespera antes de começar a briga. Porque os homens da "volante", ao serem atacados, continuam na estrada, porque diabo não procuram avançar rastejando pelos flancos, ficam todos arumadinhos ali na estrada para morrer? E (não tem importância) mas ali há um erro histórico: no filme os cangaceiros se apossam da metralhadora, quando a verdade é que jamais, na história do cangaco, nenhum cangaceiro chegou a ter uma metralhadora — nosso amigo Lampião morreu com esse lindo ideal irrealizado.

Acho que já falei mal bastante, e confesso que nada disso tem muita importância, o que importa é a beleza do filme, beleza que não vem do enredo nem do fundo, mas das imagens humanas, do movimento, da emoção, das figuras. Das lentas cavalgadas, das roupas de couro, do jeito convincente do capitão dos bandidos, daquela mulher que dá um faniquito dos mais belos que já vi no cinema, de algumas figuras de bandidos, da música e da dança, da mulher de Galdino, da velha atrás da cabra, do ataque à cidadezinha, do padre, da crueldade e da beleza de muitas cenas. Isso é que é importante na fita, essa capacidade que teve a direção de meter nela realidade brasileira artisticamente transposta; até o sertão está desculpável, embora tão pouco espinhento para justificar aquelas roupas de couro. Se a direção deixa muito a desejar (às vezes não se entende mesmo o que eles dizem, um galato no cinema gritou "fala mais alto!") a fotografia é uma beleza, como luz e como composição. Não se pode deixar de ver o filme, e eu quero apresentar à Vera Cruz, a Lima Barreto e a todo mundo que trabalhou na fita meus agradecimentos pelas emoções que ela me deu.

R. B.

13/4/53